



Hídio Sardoeira (1915-1987) nasceu em Canadelo, Amarante, no dia 15 de novembro de 1815, e faleceu em Vila Nova de Gaia (St.ª Marinha), no dia 28 de Novembro de 1987. Licenciou-se em Ciências

Biológicas. Foi professor e pedagogo, escritor e poeta, ensaísta e conferencista. Dirigiu os jornais *Voz do Marão* e *Alma Nova*, tendo ainda colaborado em publicações, entre as quais as revistas *Vértice*, *Seara Nova*, *Labor*, *Lusíada* e *Átomo*. Publicou: *A minha Aldeia* (1940), *A Origem da Vida* (1945), *Poemas* (1952), *Evolução: Provas* (1955), *História do Sangue* (1957), entre outros. Entre 1969 e 1976 colaborou no jornal *O Comércio do Porto*, na página *O Comércio Infantil*. Pertenceu ao júri do Prémio Teixeira de Pascoaes, nos anos de 1951 e de 1977. Foi deputado da Assembleia Constituinte pelo MDP/CDE e Bolseiro do Instituto de Alta Cultura (INIC), em 1977.

COMPRIMIDO II

Onde iremos partidos ou chegados
Se no chegar se parte sem haver
Um tempo de partir e de largada.
E só um falso alarme alarma o ser?

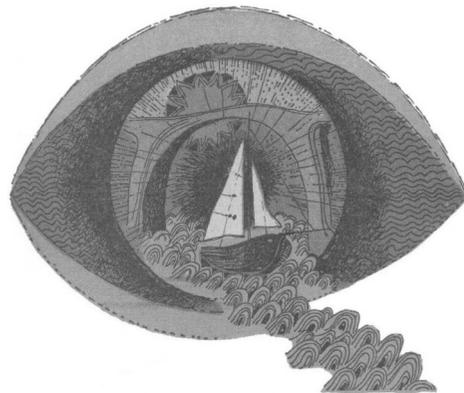
Como sempre se chegou quisesses
E nunca se sonhasses de partida
Silencioso adens a si se diz
Na mão que se despede em mão erguida.

COMPRIMIDO I

Abril 2017

Manter ao alcance e à vista das crianças e adultos

A BULA[®]
Comprimidos Literários



Este folheto contém informação importante para si. Leia-o atentamente.

E palavras me tecam como a teia
Ao quebrar da fresca madrugada
Onde fique retido só de mim
Quanto de mim é resto em mão fechada.

Narciso não me quero no que escrevo.
Que me duresm as noites nesta imagem
E encham meu espaço só de estrelas
Companheiras azuis de vás viagens.

Que espelho é de mim este poema
Nunca polido de água ou pelo vento,
Fria cambrata onde me cuido ter
Como breve desenho em pensamento.

COMPRIMIDO III

Como barco perdido entre marés
Também me fui perdendo e encontrando
Fruto do dia e noite eis-me no rosto
Deste corpo de mim por mim chamando

Maresia de nervos e de mel
Com rosas rematadas de mil cores.
Irei contigo, Mundo, se quiseres,
Irei contigo, vida, onde tu fores.

COMPRIMIDO V

Um fruto em cada célula de mim
Ou do que nem se disse quando verbo
Metia nas sementes das palavras
As formas inconcretas do meu erro.

Porque futuro sou do que de futuro
Em mim se disse como voz alheia
Escrevo os versos de água sobre o dia
Os versos que se vão entre a areia.

COMPRIMIDO IV

Por onde vou vai sempre quem não sou
E, quando chego, quem chegou por mim?
Tudo se muda se me mudo outro
Neste dizer que não dizendo sim.

COMPRIMIDO VI

Deito-me no saber, acordo no sonhar
E nunca sei ao certo
Onde começa um ou onde acaba o outro

Sonhar é só voar sem asas nem espaço
Ir além do limite
De cada golpe de asa

E que é o saber se não aquele muro
Erguido contra a luz meridiana
Dos frutos por abrir?

Só assinar no chão o rosto de uma sombra
Se falta a cada sonho
A cor do impossível.

HISTÓRIA PARA MENINOS CRESCIDOS

(06.09.1973)

O menino viu o rio e disse:

– Rio. Viu a ponte e disse: – Ponte. Depois reparou no barco e pronunciou a palavra: barco.

Onde os olhos chegavam e encontravam um corpo conhecido, o menino até parecia que inventava a palavra.

Saber dizer ponte, barco e rio, porque vive na margem do rio; sobre o rio, de margem contra margem, abre-se o arco da ponte; por baixo deste, o barco dança como um brinquedo da água.

Que sabe mais o menino de quatro anos? Só sabe o que dizem as suas palavras que são tão poucas.

Mas sempre que está dentro de casa e ouve a palavra rio, por dentro dos seus olhos (ou lá por onde!), alguma coisa escorre que parece molhada. Se ouve dizer ponte é a mesma ponte que vê contra a mancha do céu. E como se perguntasse:

– Ponte, onde estás?

– Estou aqui.

– Aqui, onde?

– Aqui. Mesmo com os pés na água e o barco por baixo.

– Mas aqui, neste quarto, fechado, não há rio nem barco nem ponte.

E o rio, a ponte e o barco disseram a uma só voz:

– Pois não. Moramos dentro de ti. Tu és a nossa casa.

– A vossa casa?

– Sim. Entrámos os três pelos teus olhos e só quando adormeces te abandonamos.

– Então, que são as palavras?

– Segredos das coisas. Pedras sonoras com que inventas o mundo onde estamos.

O menino não sabia que pensar de tudo isto e pediu-me que pensasse por ele.

– Mas eu não posso pensar por ti – disse-lhe. – Ninguém pode pensar por alguém. Cada um pensa por si.

– Nesse caso – respondeu-me – que diferença há entre o rio e a palavra rio?

– Nenhuma e muita – respondi: – nenhuma, porque a palavra rio não tem nada que pertença ao rio; muita, porque recordar a palavra é o mesmo que ver sair o rio pelos olhos para uma grande viagem.

– E entre barco e o Barco?

– Só esta: um navega sobre o outro mas nós não sabemos ao certo qual deles se encosta à água.

– E que é uma ponte?

– Olha: cada palavra que dizes é uma ponte.

– Como assim? Toda a palavra é ponte?

– É. É uma ponte que liga um menino a outro, que liga um menino a um homem. As palavras são pontes, e são pedras e são também as gotas de um rio que te corre na imaginação. Se não fossem as palavras tu crescerias no tempo como um nó de solidão.

O menino cada vez entendia menos a língua em que lhe falava. As pontes erguiam-se de uma margem do rio mas ficavam no ar, suspensas, pelo outro topo. As mesmas palavras não diziam sempre a mesma coisa, ou não diziam coisa nenhuma. Era melhor que lhe atirassem com pedras ou sorrisos ou o pegassem ao colo. O pegassem ao colo! Há palavras com que se pegue ao colo um menino? Haverá? De repente o menino chamou, nasalando mal a palavra:

– Mãe!

A mãe veio logo como se a palavra lhe levasse aos ouvidos um menino afrito. O menino ouviu a palavra e viu nascer um sorriso à porta do quarto.

Quem ensinou à mãe a palavra mãe?

– Foi entre dois gestos que a aprendeu – disse-lhe. – O teu e o dela.

O menino entendeu ainda menos e continuou a monologar. Que é que lhe iluminou o rosto triste de há pouco? A que porta foi bater aquela palavra para acender naquele rosto aquele sorriso?

As palavras são mãos que batem às portas ou portas que se abrem quando falamos?

Que são as palavras? Que são as palavras? QUE SÃO AS PALAVRAS?

Não sei mais do menino. Estou sozinho. Sozinho comigo. Cada palavra que penso traz um rosto consigo – o rosto de uma pedra, de uma árvore, de uma pessoa longínqua que vi uma só vez na vida. A palavra é o corpo de uma ressurreição.

– Mãe! – chamou outra vez o menino, agora dentro da minha memória.

– Filho – respondeu a mãe.

O rosto não apareceu iluminado à porta do quarto, mas veio a palavra filho e o rosto nasceu dela.

Algumas vezes o Sol parece uma cara redonda nascendo da luz da madrugada. Primeiro a madrugada – depois a ressurreição.